

ESSE SER TÃO ESTRANGEIRO

Carlos Eduardo Schmidt Capela
Universidade Federal da Santa Catarina – CNPq

A obra de Euclides da Cunha testemunha a preocupação do autor com temas e eventos de seu tempo, brasileiros sobretudo, mas também latino-americanos. Nesse quadro, lugar especial parece ocupar o ensaio “Da Independência á Republica (Esboço político)”, exercício de reconstituição histórica publicado em 1908, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, e no ano seguinte em *À margem da História*.

Qualificado por Sílvio Romero como “mais audacioso que verdadeiro”¹, esse amplo painel aborda aspectos diversos da evolução política do Brasil ao longo de boa parcela do século XIX. Somados, o enfoque direto em assuntos do domínio da política, e o recorte sobre um passado menos imediato, conferem ao texto uma nota ao menos à primeira vista dissonante, sobretudo porque posta por alguém que, já maduro, uma vez se retratou como “escriptor por accidente”, habituado “a andar terra-á-terra, abreviando o espírito á contemplação dos fatos de ordem physica adstritos ás leis mais simples e geraes”.²

Considerado com maior cuidado, porém, o ensaio mostra-se plenamente integrado ao restante da produção de Euclides da Cunha. Entre outras razões porque ele, afinal, atesta o esforço do escritor para identificar a emergência e acompanhar a dinâmica de alguns problemas brasileiros que estimava cruciais, mas que teriam resistido ao passar do tempo e cuja resolução reclamava ainda, isso já no início do século XX. A incursão no terreno da história política tem assim como ponto de chegada análises da situação do Brasil contemporâneo, realizadas com forte apoio em exames de fatores naturais, biológicos e físicos, aos quais é inclusive atrelado o acompanhamento dos movimentos da história. Discussões acerca de diversos destes problemas, presentes em parte dos demais estudos de *À margem da História*, bem como de alguns antes reunidos em *Contrastes e confrontos* (1906), comprovam a convergência sobre a atualidade ali constatada.

Em meio à descrição de vicissitudes ocorridas em esferas institucionais, e à proposição de balanços sobre realizações de diferentes ministérios do Império, o historiador Euclides da Cunha se preocupava, no ensaio, em sublinhar percalços que haviam dificultado a chegada a bom termo do processo civilizatório no Brasil. Assumia uma perspectiva que não deixava de ser comparativa, ainda que o termo positivo restasse implícito: nações européias num primeiro momento, às quais eram unidos outros países ocidentais que haviam atingido um nível considerável de progresso, como os Estados Unidos e a Austrália. Um dos percalços maiores, a que atribui importante relevo, diz respeito à formação da população

¹ Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, 6ª ed., RJ, José Olympio, 1960; v. V, p. 1782.

² Euclides da Cunha, “Academia Brasileira de Letras (Discurso de recepção)”, *Contrastes e confrontos*, 8ª ed., Porto, Lello & Irmãos, 1941; p. 268. Todas as citações serão transcritas em conformidade com os originais.

³ Euclides da Cunha, "Da Independência à República (Esboço político)", em *À margem da História*, 3ª ed., Porto, Lello & Irmãos, 1922; pp. 217-218.

⁴ Euclides da Cunha, "Da Independência à República (Esboço político)", *À margem da História*, ob. cit.; pp. 243-244.

⁵ Euclides da Cunha, "Da Independência à República (Esboço político)", *À margem da História*, ob. cit.; pp. 244-245. Já em *Os sertões* (1902) tal alternativa se faz presente, sendo antecedida por uma exposição bastante similar: "Predestinamos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertamos, sob este aspecto, a ordem natural dos factos. A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos"; Euclides da Cunha, *Os sertões*, 18ª ed. (corrigida), SP/RJ, Francisco Alves, 1945; p. 70.

brasileira, a necessidade de unificação dos habitantes, e de sua integração ao ambiente, em si mesmo múltiplo e complexo, figurando como pressupostos básicos do exercício de interpretação histórica.

Conforme argumenta o escritor, o domínio de um vasto e contínuo território não havia sido suficiente para que os habitantes encontrassem nele "a base física de uma Pátria", e a partir daí pudessem chegar a uma "uniformidade de sentimentos e idéias", isso já desde o início do processo que culminaria na Independência. A magnitude do espaço nacional, ao contrário, facilitando a diversificação mesológica, teria com o tempo gerado um grau ainda maior de disparidade às "formações mestiças" aqui reunidas. Com base nesse ponto de partida, referências à população brasileira são feitas de sorte a acentuar o caráter dispersivo e profuso das "nacionalidades distintas" que a constituíram e constituíam. O peso de uma componente dispersiva, provinciana e atomizada, na dinâmica da vida nacional é também realçado, sendo tomado como um traço que aproximava passado e presente. Segundo ele, a "diretriz de nossa história retorcia-se sem uma caracterização precisa, em movimentos parcelados estritamente locais".³

O recurso a conceitos usuais na segunda metade do século XIX, relativos a teorias raciais e evolucionistas, indica a filiação Euclides da Cunha a doutrinas científicas disponíveis em sua época, fato que reafirma a inserção do texto na atualidade, ou, por outra, sua projeção sobre esta. Esse apelo a concepções científicas contemporâneas fica ainda mais patente quando o autor, referindo-se ao perfil humano do país logo após a Independência, defende a tese de que o Brasil de 1823 contava com "agrupamentos étnica e historicamente distintos", sendo formado por "um povo disperso, que não atravessara uma só das fazes sociais preparatórias". Tal situação teria exigido dos governantes da nação recém-liberta a "tarefa", que qualifica como "estranha", "de formar uma nacionalidade sem a própria base orgânica da unidade da raça".⁴

Mesmo que o desenrolar dos acontecimentos houvesse de qualquer maneira selado nosso destino histórico, reclamava da demora na constituição de traços comuns, gerais, dotados de algum poder agregador, o que teria dificultado sobremaneira os processos de caracterização do povo e da nação, considerada antes de tudo como domínio físico, e sua identificação. Decorreria dessa situação instável, e que perdurava, o desafio de elaborar e implementar estratégias visando a uma rápida e eficaz integração nacional, empreendimento que para ele constituía ainda o cerne da ação política. A autonomia e a soberania do país surgiam como imperativos para que viéssemos a "formar uma raça histórica"; para tanto, a "nossa integridade étnica teria de constituir-se e manter-se garantida pela evolução social". Para Euclides, em suma, "condenávamos-nos à civilização", com o futuro acenando uma alternativa fatal – "Ou progredir, ou desaparecer".⁵

Quando aborda períodos posteriores à Independência o diagnóstico permanece pouco alterado. Discorrendo sobre o desenvolvimento social brasileiro, o final da Regência tomado como marco, comenta que aquele "fora até ali quase nulo". A justificativa, outra vez, é buscada no campo da política, as dificuldades de "nossa evolução" rumo à unidade sendo reputadas à necessidade premente de alcançar a estabilidade institucional. Salvo a exceção de uma "minoridade educada à européia", prossegue, "o resto jazia no ponto em que o largara a metrópole, obscuro e duvidoso – amalgama proteiforme de brancos, pretos e amarelos". O ambiente físico, a "nossa amplitude e impenetrabilidade continental" e o "antagonis-

mo formidável do deserto e das distancias”, obstáculo tradicional para a integração dos habitantes, impedira então e impedia “ainda hoje (...) o pleno desdobramento da vida nacional”.⁶

O resultado, de resto inevitável, foi a manutenção de um estado de coisas pouco satisfatório, atestado pelo fracionamento da população, pelo divórcio entre as diferentes regiões, pelo “crescente desequilíbrio entre os homens do sertão e os do litoral”, do qual um dos mais trágicos desdobramentos, já em plena República, forneceu a matéria para *Os sertões*. O interior do país lançava uma sombra sobre a civilização, com suas áreas isoladas não só do litoral como também uma das outras, abrigando “aqueles rudes patrícios perdidos no insulamento das chapadas”, “ameaçadores, afeitos às mais diversas tradições, distanciando-se do nosso meio e do nosso tempo”.⁷

O alerta quanto à urgência em alcançar maior e melhor aproximação entre as distintas regiões do país fica patente em todo o ensaio de revisão histórica, e justifica os elogios endereçados aos líderes do Império que para ele tinham se esforçado em sanar tal problema, estabelecendo ou estendendo linhas férreas, de navegação e de comunicação. Em sua avaliação estas providências, contudo, embora louváveis, não haviam conseguido solucionar a questão central do fracionamento. É o que pode ser verificado em outros estudos do escritor cujo intuito maior é o exame da situação do país em sua própria época.

Em “Plano de uma cruzada”, de *Contrastes e confrontos*, em que propõe medidas precisas visando a um rápido e efetivo avanço do país, Euclides da Cunha lastima a permanência da separação radical entre o sertão, posto ali sob o signo da autenticidade, como “o verdadeiro Brazil” que “nos aterra”, e o litoral, com sua “civilização mirrada que nos acotovela na rua do Ouvidor”. Residiria aí, nos persistentes esquecimento e desvalorização do país tido como legítimo, no desprezo pela nossa “seiva materna”, um dos motivos maiores dos “desfalecimentos da nossa actividade e do nosso espírito”, de que proviria inclusive “o incolor, o inexpressivo, o incaracterístico, o tolhiço e o inviável da nossa arte e das nossas iniciativas”.⁸

Atuando em sentido complementar, o cosmopolitismo, sobre o qual discorre em “Temores vãos”, e que de modo lapidar define como “essa especie de regimen colonial do espirito”, é colocado em sintonia com o abandono do interior, pois que tornava “o filho de um paiz num emigrado virtual, vivendo, esteril, no ambiente ficticio de uma civilização de emprestimo.” Postulada a propriedade cultural, a adequação ou correspondência entre meio físico e seres humanos, é previsível que abandono de tradições e sedução por novidades surjam por vezes articulados nas suas críticas à sociedade brasileira, convergindo na imagem nada nobre de uma inépcia nacional para planejar, organizar e administrar, operar, por fim, civilizar. Mesmo nos “recessos mais íntimos da nossa vida, veríamos desdobrar-se um peccaminoso amor da novidade, que se demasia ao olvido das nossas tradições; o afrouxamento em toda a linha da fiscalização moral de uma opinião publica que se desorganiza de dia a dia, e cada dia se torna mais inapta a conter e corrigir aos que a affrontam, que a escandalizam, e que triumpham; uma situação economica inexplicavelmente abatida e tombada sobre as maiores e mais fecundas riquezas naturaes; e por toda a parte os desfalecimentos das antigas virtudes do trabalho e perseverança que já foram, e ainda o serão, as melhores garantias do nosso destino.”⁹

⁶ Euclides da Cunha, “Da Independencia á Republica (Esboço politico)”, *Á margem da Historia*, ob. cit. As passagens citadas encontram-se nas pp. 263, 266 e 268.

⁷ Euclides da Cunha, “Da Independencia á Republica (Esboço politico)”, *Á margem da Historia*, ob. cit.; p. 262.

⁸ Euclides da Cunha, “Planos de uma cruzada”, *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; p. 86. Mostrando seu pendor cientificista, o escritor pouco mais adiante preconizava, como passo inicial para a superação dessa situação, “a definição exacta e o domínio franco da grande base physica de nossa nacionalidade” (p. 90).

⁹ Euclides da Cunha, “Temores vãos”, *Contrastes e confrontos*, ob. cit. As citações são das pp. 178 e 187.

¹⁰ Euclides da Cunha, "Plano de uma cruzada", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; p. 98. Na mesma página, o autor afirma ainda que "a nossa cultura tem como efeito final o barbarizar a terra. Malignamol-a, desnudamol-a rudemente, sem a mínima lei repressiva refreando estas brutalidades – e a pouco e pouco, nesta abertura contínua de sucessivas áreas de insolação, vamos ampliando em S. Paulo, em Minas, em todos os trechos, mais apropriados à vida, a faixa tropical que nos malsina." E conclui: "Não ha exemplo mais typico de um progresso às recuadas. Vamos para o futuro sacrificando o futuro, como se andassemos nas vespas do diluvio". Também em "Fazedores de desertos", publicado no mesmo livro, o escritor critica a prática tradicional da "derribada em grande escala" (p. 206).

¹¹ Euclides da Cunha, "Plano de uma cruzada", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; p. 99.

¹² Euclides da Cunha, "Nativismo provisório", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; p. 223. Em "O ideal americano", estudo que consta no mesmo volume, o escritor considera o expansionismo como um fenômeno puramente natural, desconsiderando assim quaisquer conotações políticas e jurídicas a ele relacionadas: "A absorção de Marrocos ou do Egypto, ou de qualquer uma outra raça incompetente, é antes de tudo um phenomeno natural, e, deante delle, conforme insinua a ironia aterradora de Mahan, o falar-se no Direito é extravagancia identica á de quem procura discutir ou indagar sobre a moralidade de um terremoto. É o darwinismo rudemente applicado á vida das nações" (p. 180).

Mas nem só o Brasil europeizado do litoral merecia seus reparos. Também quanto à população do interior a percepção de Euclides da Cunha é por vezes bastante pessimista, como já indicado. Sobre ela pesariam, de um lado, a degenerescência racial, e, de outro, a perpetuação de práticas e ações predatórias que redundavam em um esgotamento precoce da natureza. Homens e terra estariam assim harmonizados, pela queda e pela ruína todavia, advindo daí um "progresso às recuadas", um movimento para o futuro feito às custas da própria possibilidade do futuro. O interior do país, como um todo, chega a ser descrito a partir de duas únicas coordenadas, de "dois casos invariáveis: ou as populações, sobre o solo estéril, vegetam miseravelmente decahidas pelo impaludismo, tão característico das regiões incultas, e vão formando, pela hereditariedade dos estygmas, uma raça de mestiços lastimáveis, agitantes num quasi deserto; ou as populações, sobre o solo exuberante, atacam-no ferozmente, a ferro e fogo, nas derribadas e nas queimadas das largas culturas extensivas, e vão fazendo o deserto".¹⁰

Talvez o mais trágico no quadro delineado pelo escritor é que o seqüestro do progresso figurava como anacrônico, pois que se mantinha "numa época em que o unico significado verdadeiramente civilizador do movimento expansionista das raças vigorosas sobre a terra, está todo em afeiçoar os novos escenarios naturaes a uma vida maior e mais alta – condensando-se o duro esmagamento das raças incompetentes com a redempção maravilhosa dos territorios".¹¹ No plano internacional, deste modo, o cenário em que o Brasil se inseria não estaria isento de uma atmosfera em alguma medida ameaçadora, já prenunciada no bordão do ensaio histórico, e que parece nunca estar ausente do horizonte do escritor: "Ou progredir, ou desaparecer".

Dada a perspectiva evolucionista que subscreve, não é de admirar que Euclides da Cunha discorra com naturalidade sobre processos de cunho colonialista, que são até vistos como inevitáveis e benéficos para a humanidade. O caráter problemático da sobreposição de ciência e política, de saber e poder, passava incontestemente pelo escritor, como passou aliás por inúmeros outros intelectuais de sua geração, brasileiros ou estrangeiros. A expansão das nações avançadas, e das populações afiançadas como mais fortes e aptas, é interpretada pelo viés da inexorabilidade. Aceito o pressuposto de que a civilização ocidental é dominadora, tentacular, conclusão imediata é a de que ela não deveria e não teria como ser contida, a substituição das armas pelo conhecimento e pela técnica, como instrumentos de dominação e controle, sendo inclusive motivo de júbilo. Pois era para ele "fato incontestavel: o pendor atual e irresistivel das raças fortes para o dominio, não pela espada, ephemerias victorias ou conquistas territoriaes – mas pela infiltração poderosa do seu genio e da sua actividade".¹²

Imperialismo e colonialismo são desta forma avaliados segundo o prisma da redenção dos territórios ocupados, como uma atividade cujo caráter civilizatório compensa, e com vantagens, possíveis violências e injustiças contra populações nativas: "Há esta linha de nobreza no moderno imperialismo expansionista capaz de absolver-lhe os maximos atentados: os seus brilhantes generaes transmudam-se em batedores anônimos dos medicos e dos engenheiros: as maiores batalhas fazem-se-lhe simples reconhecimento da campanha ulterior, contra o clima; e o dominio das raças incompetentes é o começo da redenção dos territórios, num giro magnífico que do Tonkin á India, ao Egypto, á Tunisia, ao Sudan, á ilha de Cuba, e ás Filipinas, vai generalizando em todos os meridianos a empreza maravilhosa do saneamento da terra". E ar-



Marcos Santilli. Eduardo Padi, última testemunha ocular da Guerra de Canudos - Caratácá.

¹³ Euclides da Cunha, "Um clima caluniado", *À margem da História*, ob. cit.; p. 51.

¹⁴ Euclides da Cunha, "Um clima caluniado", *À margem da História*, ob. cit.; p. 52.

¹⁵ Sobre articulações entre ciência, cultura e política, ver, entre outros, Edward W. Said, *Orientalismo* (O Oriente como invenção do Ocidente), SP, Cia da Letras, 1990; ou *Cultura e imperialismo*, SP, Cia das Letras, 1995.

¹⁶ Euclides da Cunha, "Contrastes e confrontos", em *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; p. 132.

remata, projetando sobre os seres humanos os benefícios da intervenção esclarecida: "Da terra e do homem".¹³

Em sua análise da expansão colonial contemporânea, em contraste com o que segundo ele teria antes ocorrido, afirma que o empreendimento deixara de tão somente "arrebatar para a civilização a barbaria transfigurada", e passara a operar de modo integral, consistindo em "transplantar, integralmente, a própria civilização para o seio adverso e rude dos territórios bárbaros".¹⁴ Diante deste cenário ameaçador, postulada em princípio a idéia da superioridade e do domínio ocidentais sobre povos e culturas de matriz não ocidental, ou apenas em parte ocidentalizados, torna-se incontornável que Euclides da Cunha tente responder a uma questão que nesse contexto tornava-se crucial: como garantir a sobrevivência nacional, a autonomia e soberania políticas, e com isso promover a construção da civilização brasileira? Ou, passando de um plano geral para o plano do próprio escritor, premido entre o determinismo das teorias e o ideal emancipatório: como utilizar o pensamento dominante no ocidente na contra-corrente de interesses diversos que o moldavam? Como escapar do "conjunto de coações e limitações" que conformavam esse estilo de pensamento?¹⁵

Considerados, a um só tempo, de um lado o expansionismo das civilizações evoluídas, visto como fatalidade histórica, e, de outro, o caráter precário da população brasileira, que não teria ainda ultrapassado estágios incompletos e primários de formação – desta confluência emerge quase naturalmente uma necessidade de aventar e discutir a eventualidade de o Brasil vir a ser alvo de ataques imperialistas, intervencionistas ou colonialistas. É a esta necessidade que Euclides da Cunha responde em alguns de seus artigos, nos quais ainda outra vez percebe-se ecoar o bordão: "Ou progredir, ou desaparecer".

Por detrás de uma aparente inflexibilidade, esse dilema entre fracasso e sucesso encerra contudo uma certeza: o triunfo, seja qual for o termo preponderante, está reservado para as forças da civilização. Caso desaparecêssemos, seria em função dela, o país e sua população postos na posição de pacientes, sendo incorporados a, ou assimilados por, uma população e uma potência superiores. Caso progredíssemos, seria ainda assim uma vitória da civilização, esta opção trazendo a substancial vantagem, do ponto de vista nacional, que é o do escritor, de nos colocar como agentes de um processo em curso, cujo êxito coroaria nossos esforços tanto em unificar satisfatoriamente uma população díspar quanto em compreender e explorar, controlar e administrar, de maneira racional, o espaço físico brasileiro.

A plausibilidade da ocorrência de um movimento de desintegração de toda uma população nacional é discutida por Euclides da Cunha, porém não para o caso brasileiro, mas sim com relação ao Peru. Ali, de acordo com o escritor, a população original degenerara por conta da imprevidência da colonização espanhola, de par com uma imigração desregada: "Á unidade da raça autóctone, disciplinada e íntegra, marchando com um methodo tão seguro e que lhe permittiu tão altos commettimentos, contrapoz-se a desordem de uma exploração em larga escala e o dispersivo dos caracteres de immigrants atraídos de todos os países." Em comparação com a população brasileira, a peruana se caracterizaria por um grau ainda maior de fragmentação: "Porque o peruano é, ainda mais do que nós, uma ficção ethnographica".¹⁶

Fiel ao bordão, também para o Peru o escritor projeta duas alternativas. Caso o país não avançasse para o oeste, em direção à Amazônia, o que lhe traria a salvação (movimento para o qual, adverte, as autoridades brasileiras deveriam estar atentas), a previsão era a de uma “extinção completa da nacionalidade suplantada por uma numerosa população adventícia, que assume todas as modalidades do alemão industrioso ao *coolí* quasi escravo”.¹⁷

Se quanto ao Peru Euclides da Cunha divisava uma ameaça real e imediata, oriunda do exterior mas exercendo seu poder a partir do plano interno, em vários ensaios em que discutiu os riscos de uma dissolvidência brasileira, no entanto, ele não deixou de considerar a hipótese da ocorrência de avanços coloniais sobre o país. Essa possibilidade parece ter sido aventada na época, e debatida por intelectuais e autoridades brasileiras. Em “Temores vãos”, com efeito, o escritor identifica entre seus compatriotas uma “quasi mania colectiva da perseguição”, um “terror do estrangeiro” que teria assumido “alarmante aspecto”, chegando mesmo a abalar “profundamente as almas”. Daí ele recorrer à metáfora de espectros quando discorre sobre as supostas ameaças: o “perigo alemão e o perigo *yankee*”.¹⁸

Manifestando seu desacordo com aquele sentimento, ele esconjura tais espectros, considerando-os inexistentes. No caso norte-americano, fiando-se em declarações de membros da “Comissão filippina” instituída por Washington após o triunfo de suas tropas. O fato de a Comissão, segundo ele, apregoar a independência das Filipinas patenteava o pouco interesse dos EUA em dominar territórios onde haviam intervindo.¹⁹ No caso do perigo alemão, justificativas também algo ingênuas são apresentadas em outros ensaios de *Contrastes e confrontos*. Em “Solidariedade Sul-americana” verifica-se uma simples desqualificação dos oponentes, feita a partir de proposições perpassadas por finas ironias que apenas realçam a postura pessoal do escritor, formulada todavia sem respaldo de maior embasamento analítico. Algo de análogo é observado em “A Arcadia da Alemanha”, em que desautoriza prognósticos de uma “germanização”, especialmente no sul do Brasil, desabonando aqueles que haviam postulado tal possibilidade, “uma legião de folliculários assanhados”, todos estrangeiros, alemães: “militares arrogantes, políticos solertes e austeros pensadores”.²⁰

De uma parte desqualificação pura e simples de oponentes; de outra exaltação de virtudes do liberalismo americano, posto sob o signo da abnegação, o que vai de encontro a pressupostos teóricos assumidos pelo escritor, que em outros estudos salientava sua crença no caráter inelutável da expansão colonial. A fraqueza ou falácia argumentativa aí evidenciada indicia a posição desconfortável de Euclides da Cunha, forçado a se apoiar no saber ocidental para, a partir dele, descortinar possíveis soluções para impasses que lhe apresentavam a peculiar situação brasileira, o que implicava em subverter ao menos em parte o modelo teórico subjacente.

Conjuradas, bem ou mal, as ameaças externas, restava o plano interno como fonte principal dos obstáculos que dificultariam ou impediriam a “campanha austera do nosso alevantamento próprio”.²¹ Uma fórmula sintética, que aparece em “Temores vãos”, reafirma o diagnóstico de Euclides da Cunha quanto à inépcia nacional em promover o desenvolvimento do país: “é a civilização que nos apavora”. Para ele, mesmo aqueles temores locais quanto a expansões de outras nações nada mais faziam que desviar a atenção do problema estimado como primordial – nossa incapacidade de alcançar, via planejamentos pautados pela racionalidade, os tão almejados progresso e ordem. Assim, “os perigos – alemão, *yankee*

¹⁷ Euclides da Cunha, “Conflicto inevitável”, em *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; p. 138 (itálicos do original).

¹⁸ Euclides da Cunha, “Temores vãos”, *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; p. 181 (itálicos do original).

¹⁹ Euclides da Cunha, “Temores vãos”, *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; pp. 184-185.

²⁰ Euclides da Cunha, “A Arcadia da Alemanha”, *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; pp. 37-38.

²¹ Euclides da Cunha, “A Arcadia da Alemanha”, *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; p. 39.

²² Euclides da Cunha, "Temores vãos", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; pp. 182 e 186 (no original, a passagem da p. 182 traz um erro evidente: "é a civilização que não apavora"; itálicos do original).

²³ Euclides da Cunha, "Plano de uma Cruzada", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; p. 96. Vale lembrar que a perspectiva de Euclides da Cunha tem pontos em comum com aquelas assumidas por outros intelectuais da época, como Sílvio Romero, Manoel Bonfim ou Araripe Júnior, por exemplo.

²⁴ Euclides da Cunha, "Nativismo provisório", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; p. 219.

²⁵ Euclides da Cunha, "Da Independência à República (Esboço político)", *À margem da História*, ob. cit.; pp. 228, 275 e 303.

ou italiano – ou ainda outros rompentes ao calor das fantasias, e que se nos figuram estranhos – são claros *symptomas* de um perigo maior, do perigo maior e único que está todo dentro das nossas fronteiras e irrompe numa *allucinação* da nossa própria vida nacional: o perigo brasileiro".²²

Tal perigo é, como visto, expresso e potencializado notadamente por manifestações como aquele desprezo pelas tradições do país, como aquele esquecimento do interior, aquele des-caso pelo estudo das condições físicas, pela ignorância quanto a avanços da ciência e da tecnologia, ou pelo modo primitivo com que era tratada a natureza. Mas Euclides da Cunha reconhece também, no "front" interno, um outro perigo a ser afastado, cujo foco é a presença, em território nacional, de uma razoável "população adventícia" que, em analogia ao que apontara para o caso do Peru, poderia atuar de modo a diluir as já ínfimas bases sobre as quais virtualmente se ergueria a civilização brasileira.

Não são poucos os ensaios em que Euclides da Cunha dedica especial atenção a esta presença não nacional no território brasileiro. Em "Plano de uma cruzada", por exemplo, quando alude ao panorama geral da população, o sul do Brasil é tomado como exceção, exatamente em razão do número considerável de alemães e de outros grupos europeus ali fixados. Ao lançar afirmações como a de que à "parte os Estados do sul, estamos num paiz que a aclimação, apenas favorecida pela mestiçagem, condena às fôrmas mediocres da humanidade"²³, não estaria ele afinal, mesmo que de modo oblíquo, ressaltando a importância de indivíduos não nacionais para um aperfeiçoamento da população nativa?

Além da questão racial, aí apenas entrevista, o escritor em outros estudos apresenta juízos que traduzem uma inequívoca apreensão positiva sobre o possível papel de adventícios para o progresso do país. Em "Nativismo provisório", onde grande destaque é conferido ao tema, ele não se furta de salientar a relevância dos "forasteiros disciplinados" aqui chegados, que "nos últimos tempos transfiguraram as nossas culturas e se vincularam aos nossos destinos, nobilitando o trabalho e facilitando a maior reforma social do nosso tempo".²⁴ Essa postura justifica a série de elogios endereçados, no estudo histórico, às autoridades que haviam promovido a vinda para o Brasil de colonos e imigrantes. Isso desde o princípio do século XIX, quando os primeiros passos para o "povoamento do solo" haviam sido dados, para o que, comenta, o Estado concedera "datas de sesmarias aos estrangeiros, em contraposição a todas as leis proibitárias do regimen colonial, já atraindo e favorecendo as primeiras levas de imigrantes suíços, que se localizaram na província do Rio de Janeiro". Enaltecimento similar é atribuído ao ministério presidido pelo visconde de Itaboraí, graças a seu "eficaz impulso á corrente imigratoria que (...) teria, desde 1850, com a vinda de Hermann Blumenau, um traçado continuo". A despeito de seu republicanismo, também no balanço que faz dos últimos anos do Segundo Reinado o incentivo à imigração, cuja média, enfatiza, havia quadruplicado, atingindo "30.500 trabalhadores por ano", é lembrado como um dos aspectos mais positivos, ao lado da expansão da infra-estrutura das comunicações.²⁵

Fatores raciais e econômicos foram comumente lembrados, por intelectuais e políticos da segunda metade do século XIX e da primeira do século XX, quando se procurou advogar em favor da abertura do território brasileiro à entrada de não nacionais, particularmente de europeus. Euclides da Cunha não deixa de fazer parte deste coro, e com acento próprio. Em "Nativismo provisório", quan-

do considera o "aspecto estritamente economico" da questão, confessa que "não podemos ainda dispensar a energia europeia mais activa e apta, para que se desencadeiem as nossas energias naturais."²⁶

Ocupa também destaque, no cálculo euclidiano, o potencial de auxílio que grupos forasteiros poderiam trazer para o avanço artístico e cultural do país. Claro que os não nacionais assim estimados deveriam forçosamente ser provenientes de nações com graus de civilização tidos como superiores àqueles encontrados no espaço local. É, como explica, "esta imigração que desejamos, não já pelo concurso mecanico do braço que trabalha, senão também porque carecemos da collaboração artistica e do adeantamento dos outros povos". Pondo de parte "naturalmente o rebotalho das levas imigrantes", não nacionais seriam bem-vindos não só caso sua origem fosse européia, mas também com a exigência de que pudessem auxiliar, e de fato viessem a auxiliar, o desenvolvimento econômico, social e cultural do país.

Restrições como essas atestam a perspectiva fortemente instrumental com que os não nacionais são considerados, em nome da qual acabam reduzidos à condição primordial de objetos, já que deveriam antes de tudo responder aos anseios e necessidades nacionais. Euclides da Cunha mostra-se consciente disso quando confessa que a "sympathia pelo estrangeiro, baseamo-la, até movidos pelo egoismo, nos nossos interesses immediatos e mais urgentes." Expropriados de densidade humana, com seus dramas, experiências, desejos e apreensões postos de lado, imigrantes e colonos são avaliados segundo a lógica estrita do trabalho e da colaboração. Na avaliação do escritor, o importante, para os brasileiros, era usufruir ao máximo de tudo de positivo que pudessem trazer, enquanto aprimoramento. O fundamental era empregá-los visando a potencializar os benefícios almejados, tanto em termos intelectuais como materiais.

Sendo este o ponto de partida, é inevitável que Euclides da Cunha venha a criticar vigorosamente o que identificava como "nosso anti-localismo", descrito a partir da "parcialidade" e do destempero com que o senso comum aclamaria os forasteiros, para os quais, segundo ele, "não há applausos que nos bastem." A este "pseudo-patriotismo" ele opunha o que denominava "um lucido nacionalismo", cuja prioridade maior seria a de proteger e preservar características tidas e eleitas como tipicamente nacionais. Evitando escorregar para a xenofobia, para o que demandava a garantia de um "minimo desquerer ao estrangeiro, que nos estende a sua mão experimentada", o nacionalismo por ele defendido deveria ser complementado por atitudes que assegurassem "os maximos resguardos pela conservação dos attributos essenciaes da nossa raça e dos traços definidores da nossa *gens* complexa, tão vacillantes, ou rarescentes na instabilidade de uma formação ethnologica não ultimada e longa".

A presença não nacional constituiria, assim, face ao "vacillante de nossa estrutura politica e da nossa formação historia incompleta como um problema" a ser discutido e resolvido. Por que, com base nas coordenadas teóricas a partir das quais analisava o país, era impossível não levar em conta o potencial deletério da convivência entre nacionais e não nacionais. Comparando a situação brasileira com a de outros países que atraíam então grandes levas de forasteiros, Euclides da Cunha observava ser aqui impensável encarar o feixe de indeterminações daí oriundos "com o animo folgado nem com o moderantismo com que o enfrentam os naturaes de um paiz onde o forasteiro, parta de onde partir,

²⁶ Passagens como esta deixam claro que são sobretudo europeus que em suas discussões o escritor tinha em mente. Sobre o tipo de consideração de maneira geral então reservado a forasteiros de outras nacionalidades (em especial chineses, japoneses, árabes e judeus), ver Jeffrey Lesser, *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*, SP, Unesp, 2001.

²⁷ Euclides da Cunha, "Nativismo provisório", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; pp. 219 a 222.

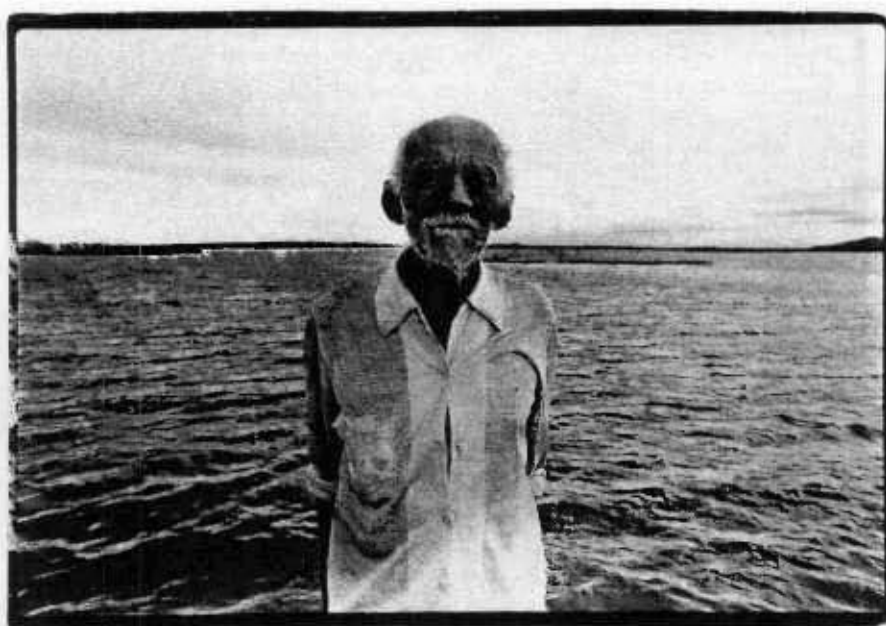
depare, a par de um intenso individualismo de raça constituída, a atmosphaera virtual de uma civilização onde elle para viver tenha que se adaptar".

No Brasil, sendo o "meio intellectual e moral facilmente complectivel, senão inferior", o não nacional constituiria uma ameaça considerável – "trazendo-nos o seu ambiente moral, destruindo pelo contínuo implante dos seus costumes o proprio exilio que procurou e creando-nos ao cabo, graças a nosso desapego ás tradições, ao cosmopolitismo instinctivo e á inseguridade dos nossos estímulos proprios, um quasi exilio paradoxal dentro da nossa propria terra.". Para o autor, diferente dos Estados Unidos e da Austrália, "onde o inglês, o allemão ou o francês alteram e cambiam as qualidades nativas ou as refundem e refinam, originando um tipo novo e mais elevado do que os elementos formadores", o Brasil, carecendo de uma "integridade ethnica que nos apparelle de resistencia deante dos caracteres de outros povos", estaria "numa situação provisoria de fraqueza, na franca instabilidade de uma combinação incompleta de efeitos ainda imprevisos, em que a variedade dos sangues, que se caldeiam, implica o dispersivo das tendencias dispaes, que se entrelaçam".²⁷

A um só tempo projecção de um desejo e origem de um temor, a civilização cobra de Euclides da Cunha o preço de uma constante vigília. Caberia à inteligência brasileira disciplinar e cercear, subjugar, em nome da sobrevivência e do progresso, homens e mulheres aqui recebidos com o fim expresso de nos ajudar a atingir o próprio progresso. O risco maior divisado pelo escritor é o de que os não nacionais conseguissem reverter o processo de dominação que deveria submetê-los. A ténue fronteira entre a conformação e a deformação, entre o previsto e o imprevisito, motiva a sua preocupação. Preso a uma idéia homogênea de civilização, considerando o processo civilizatório como predomínio de fortes sobre fracos, o escritor tem que responder ao desafio intelectual de reconsiderar a ordem hierárquica dos termos que estruturavam seu pensamento e, se possível, atentar contra ela.

Tratava-se de garantir a emergência da civilização brasileira, para o que era preciso contar com o apoio do europeu civilizado, e, ao mesmo tempo, buscar e encontrar maneiras de evitar que este, pelo fato de ser mais civilizado, viesse a se impor no espaço nacional, e afastasse as possibilidades de formação de uma nação genuinamente nossa. A possibilidade da ocorrência, no âmbito local, de um processo de transformação mútua decorrente do contato entre indivíduos e populações de origens e tradições distintas, de que resultaria a emergência de formas alternativas, híbridas, marcadas pela potencialidade e pela imprevisibilidade, não chega a ser explorada. O brasileiro é analisado, em sua relação com o forasteiro, segundo a lógica unidirecional da assimilação, que é afinal a mesma lógica pela qual este último é considerado. Os não nacionais não poderiam, sob hipótese alguma, ultrapassar a condição de objeto a que deveriam se conformar, pela qual se submeteriam às demandas locais; em caso contrário, tornando-se senhores e sujeitos da situação, fariam valer o bordão já tantas vezes repetido – seriam aqueles que civilizam e fazem desaparecer os que foram civilizados.

Como pano de fundo de toda essa discussão figura um dos princípios que balizam o pensamento de Euclides da Cunha: o avanço das raças fortes e seu domínio de espaços ocupados por povos tidos como incompetentes ou decrépitos. É para esta ameaça que o escritor clama por atenção e cuidado: solicita esforços para "enfrentar sem temores as energias dominadoras da vida civi-



Marcos Santilli, Manuel Ernesto dos Santos - Açude de Cocorobó.



Marcos Santilli. Cemitério de Canudos - Açude de Cocorobó.

lizada", conclama "medidas que contrapezem ou equilibrem, a nossa evidente fragilidade de raça ainda incompleta, com a integridade absorvente das raças já constituídas".²⁸

Em termos práticos, e uma vez que "não podemos engenhar medidas que nos salvaguardem, ou amparem nesta pressão formidável imposta pelo convívio necessário, civilizador e útil dos demais paízes, devemos pelo menos evitar as que de qualquer modo facilitem, ou estimulem, ou abram a mais estreita frincha á intervenção triunfante do estrangeiro na esfera superior dos nossos destinos". Com base nesse raciocínio, referindo-se a debates então em curso no Congresso de São Paulo, em torno de um projeto de reforma constitucional, o escritor condena a preservação de um artigo que garantia a "elegibilidade do estrangeiro, dotado com um exíguo quinquênio de vida estadual, para o cargo de presidente do Estado". Em sua avaliação, a manutenção deste preceito seria não "apenas um erro", mas uma verdadeira "imprudência".²⁹

Euclides da Cunha parece conceber como em larga medida indissolúveis os vínculos que uniam os indivíduos, os civilizados ao menos, a suas pátrias. Como no campo das relações cotidianas, no plano civil, ele antevê a supremacia dos adventícios, a preservação do controle político torna-se imperativa para qualquer tentativa de afastar o perigo da sua influência, e previsível preponderância.

Como o exercício pleno da cidadania é função do gozo dos direitos políticos, a exclusão dos não nacionais do espaço político reitera e potencializa o âmbito instrumental com que o escritor os considerava. Conforme em outro contexto aponta Abdelmalek Sayad, também para Euclides da Cunha a "estadia autorizada para o imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho" ou, no mínimo, ao usufruto que dele se possa tirar. O forasteiro, nesse sentido, só é tolerado "porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele", sendo por isso inevitável impedir que exerça atividades políticas. Em suma, a não nacionalidade, somada à lógica da exploração a que é submetido, explicam "a economia de exigências que se tem para com ele em matéria de igualdade de tratamento frente à lei e na prática", economia que a seu modo o pensamento euclidiano patenteia.³⁰

Mas há um evidente desejo ou promessa de superação em Euclides da Cunha, que contamina diversos de seus escritos e não raro dilui parte da rigidez determinista que os comprime. Em sua obra há diversos momentos que revelam o entusiasmo do escritor pelo inesperado, por inversões que desafiam a razão convencional, pela erupção de ordens mais ou menos instáveis que abalam ou deslocam marcos paradigmáticos tradicionais, inclusive daqueles por ele adotados. Seus comentários em "Contra os Caúcheiros", acerca da guerra do Transvaal, na África do Sul, e as conseqüências que tira do episódio, aplicando-as para a situação brasileira, definem um destes momentos.

Já no início da exposição, quando discute o conflito com base no testemunho de militares que haviam dele participado, o autor sublinha a necessidade de expandir categorias usuais rumo ao inaudito, ao afirmar, por exemplo, que a "lucta sul-africana fôra a glorificação dos luctadores improvisados". O "inesperado desfecho" do acontecimento lhe inspira reflexões em torno de situações paradoxais então descortinadas, formuladas na chave da reversão das expectativas: "a guerra cresceu para diminuir na guerrilha; e depois de devorar os povos devora os próprios filhos, extinguindo o soldado"; "acaba como os velhos faccinoras salteados pela fadiga

²⁸ Euclides da Cunha, "Nativismo provisório", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; pp. 223 e 224.

²⁹ Euclides da Cunha, "Nativismo provisório", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; pp. 225 e 227.

³⁰ Abdelmalek Sayad, "O que é um imigrante?", *A imigração (ou Os paradoxos da alteridade)*, SP, ed. USP, 1998; pp. 55 e 58.

³¹ "As maltas, os bandos são grupos do tipo rizoma, por oposição ao tipo arborescente que se concentra em órgãos de poder"; Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Mil platôs* (Capitalismo e esquizofrenia), SP, 34, 1997; vol V, p. 21.

³² Euclides da Cunha, "Contra os Caúcheiros", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; pp. 147 a 152.

moral dos próprios crimes. Suicida-se". Para ele, ao que tudo indica, a lição maior que os combates na África do Sul haviam proporcionado fora a de que a ação imprevista e improvisada de civis, atuando como e em bandos³¹, tornara-se capaz de desarticular "as peças da sinistra entrosagem em que a arte militar tem triturado os povos". Daí a conclusão, que aponta para a necessidade urgente de repensar estratégias e conceitos convencionais, a princípio no terreno militar: "Está passada a hora em que a honra e a segurança das nacionalidades se entregavam, exclusivamente, ao rigor das tropas arregimentadas".

Convencido de que "as condições do campo das batalhas modernas" exigem "virulência e rapidez do tiro [e] impõem uma dispersão de todo opostas aos dispositivos das paradas e das manobras", passa então a discutir a eventualidade de um conflito contra os peruanos, na região do alto Purús e do alto Jaruá, no Acre. Sustenta que as características físicas da região, e o perfil dos inimigos, não só desaconselhavam como impediam o recurso a "corpos de tropas regulares". Pois ali, segundo ele, "não nos aguardam tropas alinhadas. Esperam-nos os caúcheiros solertes e escapantes, mal reunidos nos batelões de voga, dispersos nas ubás ligeiras, ou derivando velozmente, isolados, á feição das correntes, nos mesmos páos boiantes que os rios acarretam". Em sua imaginação do suposto confronto, guerreiros e ambiente se completavam numa perfeita simbiose em que mobilidade, improviso, imprevisibilidade e destreza são conjugados: "e repontando, a subitas, na orla florida dos igapós, e desaparecendo, impalpáveis, no afogado dos paranamirins, onde se entrançam as ramagens das arvores que os esconde; ou girando pelas infinitas curvas e pelos incontáveis furos que formam a interessantíssima anastomose hydrographica dos tributarios meridionaes do Amazonas".

Quanto aos exércitos convencionais, as propriedades ressaltadas são, em contraste, a rigidez e a dificuldade de movimentos, a pouca propensão para iniciativas pontuais, conformismo e previsibilidade. Ordem e desordem trocam de sinal: "Os batalhões massivos, presos a uns tantos preceitos e ao rectilíneo das formaturas, serão tanto mais inúteis quanto mais disciplinados e feitos á solidariedade dos movimentos. O melhor de sua organização militar impecável culminará no pessimo da mais completa inaptidão a se ajustarem ao theatro das operações, e a enfrentarem o torvelino dos recontros subitos ou a se subtrahirem aos perigos das tocaias".³²

Também quando discute, em outros de seus estudos, processos de colonização, a oposição entre organização e acaso ganha destaque. É o que pode ser observado em "Um clima caluniado", onde a princípio ressalta o caráter previdente, científico, que de modo geral, segundo ele, antecede e coordena o movimento do "imperialismo expansionista": "Aos conquistadores tranquilos não lhes basta o perquirir as causas meteorológicas ou telúricas das molestias imanes aos trechos recém-conquistados (...). Restalhes o encargo maior de juxtapor os novos organismos aos novos meios, corrigindo-lhes os temperamentos, destruindo-lhes velhos hábitos incompatíveis, ou criando-lhes outros até se construir (...) o individuo inteiramente aclimado (...). Para isto o colono, ou o emigrante, torna-se em toda a parte um pupilo do Estado. Todos os seus atos, desde o dia da partida, prefixo nas estações mais convenientes, aos ultimos pormenores de alimentação ou de vestir, predeterminam-se em regulamentos rigorosos."

Compara então, a "estas colonizações adstritas ás clauzulas de rigorosos estatutos", o processo de ocupação do Acre, que define como um "povoamento tumultuario", uma "colonização á gandaia",

o “exemplo mais golpeante de emigração tão anárquica, tão precipitada e tão violadora dos mais vulgares preceitos de aclimatação”. Assinala, em síntese, que teria no caso desde o princípio faltado “não só a marcha lenta e progressiva das migrações seguras, como os mais ordinários resguardos administrativos”.

Ora, levando em conta a ótica positiva com que o escritor em diversas oportunidades avaliou o avanço civilizatório, acentuando sua inexorabilidade e seu rigor científico, o esperado seria que ele sublinhasse o êxito dos cuidadosos empreendimentos europeus e, em contrapartida, denunciasses o fracasso da colonização do Acre. A conclusão a que chega é todavia justo a inversa: após as loas à expansão organizada, o escritor realça menos o sucesso que “o curso sobremaneira lento, senão o malogro dos mais pertinazes esforços”. E arremata: “a despeito de tão grandes sacrifícios e dispendios, e dos prodígios de engenharia sanitária que transforma a rudeza topográfica dos lugares novos, formando-se uma verdadeira geografia artística, o que nelles se fórma, por fim, são umas sociedades precárias de perpetuos convalescentes junjidos a dietas inflexíveis e vivendo através das formulas inaturáveis dos receituários complexos.” Quanto à ocupação do norte do Brasil, a despeito de seu caráter “fortuito, fóra da diretriz do nosso progresso”, o destaque recai sobre seus “resultados surpreendentes”.³³

Nestas duas situações em que o pensamento de Euclides da Cunha se afasta da ortodoxia, e dá vazão para o contingente, o foco converge para um tipo nacional característico – o sertanejo, ou o jagunço. Em que pese à barbárie e à incultura que nele identificava, este tende então a ser visto pelo viés da superação e da redenção. No caso do hipotético conflito com os peruanos, como exposto, o exército regular e as manobras tradicionais de luta haviam sido descartados em função das adversidades do terreno e das qualidades dos virtuais inimigos, os caucheiros. As imagens que destes constrói o escritor relevam, além das características antes apontadas, seu poder de deslocamento e de adaptação. Imposta a eles uma vida nômade, fariam da necessidade virtude: “É-lhes condição inviolável de êxito. Afundam temerariamente no deserto; insulam-se em sucessivos sítios e não revêm nunca os caminhos percorridos. Condenados ao desconhecido, afeiçoam-se às paragens invias e inteiramente novas. Alcançam-nas: abandonam-nas. Prosseguem e não se retribam nas posições às vezes arduamente conquistadas.”³⁴

As alusões aos caucheiros patenteiam as dificuldades de Euclides da Cunha em enquadrá-los em categorias pré-estabelecidas, e, ao mesmo tempo, o poder de sedução que grupos ou fenômenos com propriedades similares exercem sobre o escritor. Isso é corroborado em passagens onde referências relativas a eles evocam sua posição limiar, como estas: “não é apenas um tipo inédito da história. É, sobretudo, antinômico e paradoxal”, “irritantemente absurdo na sua brutalidade elegante, na sua galanteria sanguinolenta e no seu heroísmo á gandaia”. Provisoriedade e contradição se harmonizariam no caucheiro: dono de um “viver oscilante (...) dá a tudo quanto pratica, na terra que devasta e desama, um caráter provisorio – desde a caça que constrói em dez dias para durar cinco anos, às mais afetuosas ligações que às vezes duram anos e elle destrói num dia. Neste ponto, sobretudo, dezenha-se-lhe a inconstância irrealizável.”³⁵

A esses lutadores temerários, acostumados com o imprevisto, perfeitamente habituados a um ambiente surpreendente, o escritor opõe, como únicos capazes de superá-los, “as forças (...) dextas e aclimadas, [as] tropas irregulares do Acre, contituidas pelos

³³ Euclides da Cunha, “Um clima caluniado”, *Á margem da História*, ob. cit.; pp. 51 a 54. Deve-se ressaltar que um dos propósitos de Euclides da Cunha, neste estudo, é apregoar a salubridade e a excelência do clima e da natureza acreanas e, por extensão, do norte do país. Mas suas críticas ao descaso do governo brasileiro e seus elogios à excepcionalidade das aptidões naturais dos povoadores são de todo modo evidentes.

³⁴ Euclides da Cunha, “Os ‘caucheros’”, *Á margem da História*, ob. cit.; p. 69.

³⁵ Euclides da Cunha, “Os ‘caucheros’”, *Á margem da História*, ob. cit.; pp. 77 a 80.

³⁶ Euclides da Cunha, "Contra os caúcheiros", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; pp. 153 e 154.

³⁷ Euclides da Cunha, "Um clima caluniado", *A margem da História*, ob. cit.; pp. 55 e 56.

destemerosos sertanejos dos Estados do norte, que há vinte anos estão transfigurando a Amazônia". Estes "minúsculos titãs de envergadura de aço enrijada na tempera das soalheiras calcinantes, a um tempo bravos e joviais, afeitos às deliberações rápidas e decisivas de uma tática estonteadora, que improvisam nos combates com a mesma espontaneidade com que lhe saltam das bôcas as rimas resoantes dos folguedos", é que deveriam compor "o verdadeiro exército moderno (...) não já para o caso especial das guerrilhas, mas para todas as formas das campanhas". Contra o caucheiro, arremata, "um domador único, que o suplantará, o jagunço".³⁶

Além de excelentes guerreiros, os sertanejos seriam, para Euclides da Cunha, excepcionais colonizadores, o imprevisível sucesso do povoamento do Acre sendo em parte reputado a sua habilidade de sobrepujar situações fortemente adversas. É para essa habilidade que o escritor chama a atenção quando descreve a partida de uma leva de migrantes nordestinos rumo ao norte do país, para onde iriam, segundo ele, como se condenados, expatriados "dentro da própria pátria".

O cenário que traça é modelar. Num primeiro momento enfatiza a incrível miséria dos retirantes, "famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas", "barbaros moribundos que infestavam o Brasil"; em seguida sublinha o abandono que os cerca para, então, condenar as autoridades, pela omissão e descaso flagrantes. O procedimento, pelo qual dificuldades vão sendo gradativamente sobrepostas, tem por efeito caracterizar como inegável proeza o resultado obtido pelos sertanejos: "A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços de família, que se fraccionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febreiros e os seus variolozos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo. Mas feita a tarefa expurgatoria, não se curava mais della. Nunca, até aos nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um medico. Os banidos levavam a missão dolorozissima e unica de desaparecerem..." "E não desapareceram", esclarece o escritor, com o que traz para o primeiro plano o admirável: "as populações transplantadas se fixam, vinculadas ao solo; o progresso demografico é surpreendente".³⁷

A enfática exaltação do sertanejo aparece mesmo em estudos dedicados antes de tudo ao exame de aspectos de outras nações sul-americanas. É o que se verifica em artigo dedicado ao Peru, sintomaticamente denominado "Brazileiros", de *A margem da História*. Ali, ao comentar sobre tentativas oficiais de exploração de regiões peruanas inóspitas, Euclides da Cunha relata o caso de uma colônia cuja situação geográfica fora com cuidado escolhida, cujo abastecimento havia sido bem planejado, tendo ainda sido eleitos, como povoadores, membros de uma das populações consideradas mais hábeis para tal tipo de empresa – a alemã. Sobre os esforços do governo peruano, afirma que aquela "colônia alemã (...) sobre todas lhe monopolizou os cuidados e uma solicitude nunca interrompida". Contra todas as previsões, apesar da situação "admirável", do "sólo exuberante", e da qualidade dos "novos povoadores, (...) mais persistentes", o escritor assinala o malogro do projeto. Nos seus termos, com o passar do tempo a "colônia paralizara-se, tolhiça, entre os esplendores da floresta. Reduziu-se a culturas rudimentares que mal lhe satisfaziam o consumo. E o progresso demografico, quasi insensível, retratava-se numa prole linfática, em que o rijo arcabouço prussiano se enjelhava na envergadura esmirrada do quichua".

Neste quadro de hostilidade natural e decrepitude humana emerge também o imponderável. Numa região mais imprópria, e sob condições bem mais desfavoráveis, observa Euclides que um viajante deparara-se com “um espetáculo completamente diverso (...). Puerto Victoria surjira e desenvolvera-se, tornando-se a estância mais animada e opulenta daquela redondeza, sem que o Governo peruano soubesse ao menos do seu aparecimento”. Aludindo às condições ambientais, as palavras a que recorre são taxativas – a “paragem era malsinada. Rodeavam-na os mais bravios entre os selvagens sul-americanos”. O realce para as adversidades potencializa o valor dos “aventureiros destemerosos” que haviam conseguido superá-las.

O escritor faz suspense sobre a identidade dos heróis, preferindo descrevê-los a nomeá-los, com o que ilustra seu vigor físico: “uns caboclos entroncados, de tez morena e baça, e musculatura seca e poderosa”. E afasta uma possível dúvida: “Não eram caucheiros”. Procurando sustentar a carga dramática, narra então o encontro entre os conquistadores intemeratos e os índios “cashibos”, cuja barbárie e ferocidade são cantados em registro hiperbólico. Após comparações surge a conclusão, feita em moldes épicos, que enfim culmina na identificação: os membros da “tribu mais bravia do vale do Ucayali (...) ao que figura não pulsearam com vantagem o vigor dos novos pioneiros. É que o barbaro sanguinolento tinha pela frente (...) um adversario mais temerozo, o jagunço. Os recém-vindos eram brasileiros do norte”.³⁸

O apelo à narratividade, em passagens como esta, não deve ser tomado como algo fortuito. Constitui, em certa medida, uma maneira de alargar, ou ultrapassar, os limites do pensamento e da exposição adstritos aos rigores do método, com seus modelos pautados pelo cientificismo, pelo fechamento teórico. A defesa da superioridade dos sertanejos não deixa de ser, de modo análogo, uma forma encontrada por Euclides da Cunha para ir além de limitações do pensamento determinista de sua época, cujas imposições eram sentidas especialmente por intelectuais como ele, que refletiam sobre a condição de países como o Brasil, contemplando, em particular, problemas específicos destes países.

A estratégia empregada por Euclides da Cunha nesta série de estudos merece por isso ser mais bem nuançada. O escritor se vale de situações definidas por um grau razoável de adversidade, ou recorre a grupos humanos caracterizados como capazes, ou tidos como tais, com o fim expresso de enaltecer o valor dos sertanejos. No que diz respeito à comparação explícita com outros grupos humanos, a supremacia dos brasileiros, entretanto, não é feita apenas às expensas de bárbaros selvagens ou de aventureiros, mas ainda, e de uma maneira incitante, dados os fundamentos teóricos pelos quais se balizava, de populações avalizadas como avançadas e altamente aptas. É o caso dos alemães, cuja proeminência e superioridade intelectual e racial era incontestável inclusive para o escritor. Fascinante é que essa utilização do superior, o europeu, tendo em vista o seu rebaixamento, ou melhor, visando à glorificação do tipo brasileiro, marcado a princípio por uma inferioridade teoricamente postulada, reaparece em outros escritos de Euclides da Cunha.

Para atestar a excelência do clima acreano, por exemplo, ele indica que inclusive grupos de não nacionais, europeus entre esses, haviam conseguido se estabelecer com sucesso na região, o que aparece como prova cabal da tese defendida. Os forasteiros, nesse contexto, são considerados menos como aqueles que dominam o ambiente, ou se adaptam a ele, conforme os descrevera em

³⁸ Euclides da Cunha, “ ‘Brazileiros’ ”, *À margem da História*, ob. cit.; pp. 108 a 112.

³⁹ Euclides da Cunha, "Um clima caluniado", *À margem da História*, ob. cit.; p. 63.

⁴⁰ Euclides da Cunha, "Um clima caluniado", *À margem da História*, ob. cit.; p. 58.

⁴¹ Euclides da Cunha, "Judas-Ahsverus", *À margem da História*, ob. cit.; pp. 86-87.

⁴² Euclides da Cunha, "Entre o Madeira e o Javary", *Contrastes e confrontos*, ob. cit.; p. 161

outras ocasiões, que como aqueles que só conseguem sobreviver com a condição de que o ambiente em que se instalam se revele propício: "O Purús e o Jaruá abriram-se há muito á entrada dos mais dispares forasteiros – do Sirio, que chega de Beiruth, e vai pouco a pouco suplantando o Portuguez no comercio do "regatão"; ao Italiano aventureiro e artista que lhe bate as marjens, longos mezes, com a sua maquina fotografica a colecionar os mais típicos rostos silvícolas e aspectos bravios de paisajens; ao Saxonio fleumatico, trocando as suas brumas pelos esplendores dos ares equatoriaes. E, na grande maioria, lá vivem todos; ajitam-se, prosperam e acabam lonjevos".³⁹

O êxito conseguido pelos sertanejos na colonização do Acre, contra todos os prognósticos, chega, por sua vez, a ser tomado como sinal inequívoco de sua proeminência sobre populações de origem européia, italianos por exemplo: "Enquanto o colono italiano se desloca de Genova á mais remota fazenda de S. Paulo, paternalmente assistido pelos nossos poderes publicos, o cearense efetua, á sua custa e de todo em todo desamparado, uma viagem mais difícil".⁴⁰ Os seringueiros do Alto Purus, cuja origem sertaneja é salientada, foram também tomados como termo para comparações diretas com italianos, em detrimento destes: "O seringueiro rude, ao revez do italiano artista, não abuza da bondade de seu deus desmandando-se em convictos. É mais forte; é mais digno. Não murmura. Não reza. (...) Tem a noção pratica, tanjível, sem raciocínios, sem diluições metafizicas, massiça e inexoravel (...) da fatalidade; e submete-se a ella sem subterfujir na cobardia de um pedido, com os joelhos dobrados".⁴¹

Euclides da Cunha procura ainda justificar, no plano de teorias a que se filia, a supremacia dos nordestinos, exaltando para tanto a capacidade que teriam demonstrado ao conseguirem se adaptar e se integrar à natureza do norte brasileiro, que teria lhe moldado o caráter e a fibra. Segundo ele, a façanha da ocupação da Amazônia, levando-se em conta as condições em que se dera, constituiria "um dos melhores capítulos da nossa historia contemporanea", sendo "o exemplo mais empolgante da applicação dos principios transformistas ás sociedades. Realmente, o que ali se realizou, e está realizando-se, é a seleção natural dos fortes." E prossegue: "Aquelles logares são hoje, no meio dos nossos desfallecimentos, o palco agitadoissimo de um episodio da concorrencia vital entre os povos."

Recuperando o relato de um viajante europeu, que teria encontrado nas margens do Juruá um grupo de parisienses, afirma que estariam, lá, "todos os destemerosos convergentes de todos os quadrantes". Traça então, á guisa de epílogo, o mais contundente elogio aos sertanejos: são eles brindados com a condição de garantidores de nossos costumes e de nosso destino enquanto nação, como o elemento nacional não só com o potencial de absorver as mais distintas raças civilizadas, mas destinado a absorvê-las, e impor-se a elas, assimilando-as. Euclides da Cunha, deste modo, encontra nos sertanejos a resposta a dilemas crucias contra os quais se debatia. Graças a eles, e caso houvesse a manutenção da soberania nacional, além de um esforço substancial das autoridades para integrar as regiões do país, não desapareceríamos: "Mas, sobrepujando-os pelo numero, pela robustez, pelo melhor equilibrio organico da aclimação, e pelo garbo no se afoitarem com os perigos, os admiraveis caboclos do norte que os absorverão, que lhes poderão impor a nossa lingua, os nossos usos e, ao cabo, os nossos destinos, estabelecendo naquella dispersão de forças a componente dominante da nossa nacionalidade".⁴²

Os sertanejos, em suma, seriam aqueles que iriam ao final realizar a tarefa reclamada aos governantes, afastando o perigo da conquista pelos não nacionais. A utilização peculiar, inesperada até, do quadro teórico em que se move, de matriz européia, permite ao escritor inverter o sentido usual do vetor da dominação. Sua atuação, enquanto intelectual, não deixa de guardar alguma semelhança com aquela que projeta sobre o sertanejo, já que a superação do pensamento hegemônico é feita às expensas de populações tidas como hegemônicas, e que acabam por servir como suporte para o estratégico enaltecimento de virtudes sertanejas. Se na perspectiva conceitual tal movimento é instigante, dado o seu caráter subversivo, além de insólito, do ponto de vista dos colonos e imigrantes europeus fixados no país o processo de apropriação e instrumentalização alcança o paroxismo. A superação, nesse sentido, embora admirável, revela uma face inegavelmente quimérica.